



# Chamados, isto é, enviados: o início da missão

**Notas das falas de Francesco Cassese e Davide Properi  
no Dia de Início de Ano dos adultos de Comunhão e Libertação da Lombardia**

Unipol Forum, Assago (Milão) e por videoconferência, 21 de setembro de 2024

# Chamados, isto é, enviados: o início da missão

## Notas das falas de Francesco Cassese e Davide Prospero no Dia de Início de Ano dos adultos de Comunhão e Libertação da Lombardia

Unipol Forum, Assago (Milão) e por videoconferência, 21 de setembro de 2024

### ***Davide Prospero***

Diz Dom Giussani no livro *Una rivoluzione di sé*: “A salvação já está feita com a ressurreição de Cristo: este é o centro da fé, este é o eixo de tudo, porque é um fato. A salvação já está feita, mas torna-se gritante com a nossa comunhão”.<sup>1</sup>

Entreguemos ao Espírito Santo este momento e o ano que começa, para que a Sua voz nunca deixe de nos conceder a Graça de estarmos em comunhão com Cristo a todo instante e em toda parte.

*Oh! vinde, Espírito Criador*

### ***Francesco Cassese***

Bem-vindos, e obrigado por estarem aqui. Cumprimento as 10 mil pessoas presentes aqui em Assago e também as quase 4.500 conectadas em outras seis cidades lombardas. Nos próximos dias, haverá mais 26 Dias de Início de Ano nas regiões italianas e 141 no exterior, em 73 países.

Para começar, gostaria de retomar os passos que demos juntos no ano passado – um ano muito intenso, pelo qual sou pessoalmente muito grato a Deus.

Mas antes de adentrar nesses passos, desejo partilhar um episódio pessoal, de uns dez anos atrás, que

me ajudou a pensar no caminho feito e a fazer. Eu estava a trabalhar em Paris e me hospedei no fim de semana na casa de uma família de amigos do Movimento. Dormi lá. Tinham-me cedido um quatinho, onde havia uma porta de vidro fosco pela qual se via do lado de fora. Na hora de acordar, a filha deles começou a arranhar o vidro chamando-me pelo nome. Acordei com esse toquinho de gente dizendo meu nome, e me deu um sobressalto no coração que me fez dizer: “Caramba! Se eu pudesse acordar todos os dias assim, minha vida seria transformada!” Este foi o primeiro pensamento que tive. O pensamento imediatamente seguinte voou para o sino da minha casa, que toca de manhã cedo para a oração das Laudes: “O sino para mim é como essa menina” – disse a mim mesmo – “é Alguém que está me chamando pelo nome, Alguém que está me convocando!” É fantasia? Não, é toda a minha história que me leva a dizer: “Se não houvesse essa Presença, uma presença real, eu não teria entrado no Movimento, não teria entrado nos *Memores Domini*, enfim, não estaria aqui”. Desse dia em diante tudo mudou: quando ouço o som do sino de manhã, isso para mim é um sinal. Antes não era, dizia-me pouco, mas agora esse som me lembra todos os dias que minha vida é um

<sup>1</sup> L. Giussani, *Una rivoluzione di sé. La vita come comunione (1968-1970)*, Milão: Rizzoli, 2024, p. 70.

Homem que me chama e espera meu sim. E é esse relacionamento contínuo o que mantém despertos minha mente e meu coração.

Por esse motivo, os fatos que agora vou apresentar, os passos que demos este ano, para mim não são simplesmente coisas que nos acontecerem: eu os vivi logo, com a imediatez que nasce de uma educação, como a voz da presença viva do Senhor. Agora vou apresentar as três etapas fundamentais do percurso proposto e os seus frutos. Um caminho que, em determinado momento, recebeu nova luz com a abertura da fase testemunhal da causa de beatificação de Dom Giussani, no dia 9 de maio.<sup>2</sup>

Quais são esses três passos?

## 1. O olhar da fé

Todos temos em mente as palavras que o Papa Francisco nos dirigiu: “Caríssimos, valorizai o dom precioso do vosso carisma e a Fraternidade que o guarda, pois ele pode fazer com que muitas vidas ainda ‘floresçam’ [...]. O potencial do vosso carisma ainda deve ser em grande parte descoberto”.<sup>3</sup> Mas também penso no convite do Cardeal Farrel: “Vocês querem ser esse fator de renovação, contribuir para ser esse fator de renovação a partir de dentro da experiência eclesial toda, trazendo tudo o que vocês são?”<sup>4</sup> Pois bem, eu realmente senti esse convite como dirigido a mim: “Você quer ser esse fator de renovação?” Seguindo esse convite, no Dia de Início do ano passado, abordamos tanto a categoria de “experiência” em geral – para eliminar os riscos sempre à espreita de reduções subjetivas e sentimentais –, quanto a de “experiência cristã”, enfatizando seus três fatores essenciais: 1) o encontro com um fato objetivo (comunidade e autoridade), 2) o reconhecimento do significado do Fato (a graça da fé), 3) a consciência da correspondência entre o Fato – no encontro com a realidade cristã e eclesial – e a própria pessoa (a verificação). Sem um ou outro destes fatores, não se pode falar de “experiência cristã”.

Depois quisemos chamar atenção, em especial, para o fato de que a fé leva a um nível de experiência – de compreensão, de penetração e de gosto pelas

coisas – incomparável ao que é possível para nossas meras capacidades, para o sentimento ou o impulso religioso naturais

## 2. Cuidar da unidade, proteger o carisma. Comunhão, obediência e seguimento

No dia 30 de janeiro, como vocês devem lembrar, o Santo Padre enviou a Davide e a todo o Movimento uma breve mas densíssima carta, realizando um gesto de grande paternidade e estima. O tema da unidade e da obediência estavam no centro da carta. Recomendando, disse o Papa, “que cuidem da unidade entre vós; ela somente, de fato, no seguimento aos pastores da Igreja, poderá ser ao longo do tempo guardiã da fecundidade do carisma que o Espírito Santo deu a Dom Giussani”. Em seguida, concluiu com um convite ardente “a seguirem o caminho empreendido, sob a condução da Igreja, e a colaborarem com disponibilidade e lealdade com quem é chamado a guiar o Movimento. Apenas essa obediência, continuamente redescoberta e alimentada, poderá garantir entre vós uma experiência cada vez mais rica de vida cristã e a renovação da vossa presença no mundo, para o bem de toda a Igreja”.<sup>5</sup>

Giussani sempre enfatizou o valor ontológico-sacramental da unidade, como sinal supremo da presença de Cristo na história: “Cristo permaneceu presente no mundo, na história, e permanecerá até o fim dos séculos mediante a unidade dos que Ele toma para Si e leva para dentro da Sua personalidade”.<sup>6</sup>

Justamente nesses mesmos meses – impressionou-me a coincidência – tinha saído o livro que conta a vida do nosso amigo Andrea Aziani. Um livro recheado de recomendações feitas por Andrea e Dom Giussani sobre a importância da unidade. Vou ler uma passagem que recorda a partida de Andrea e alguns amigos universitários para Siena: “Em junho de 1976, Dom Giussani pediu a Andrea que se mudasse para a cidade toscana [Siena]; o mesmo foi proposto em outras conversas a outros três universitários, Gian Corrado Peluso (Dado), da Universidade Católica, Lorenza Violini e Ornella Milan, da Universidade Estatal, que aceitaram com

<sup>2</sup> Cf. M. Delpini, “Dom Giussani. O fascínio do carisma”, 10 de maio de 2024, *clonline.org*.

<sup>3</sup> Francisco, “Arda no vosso coração esta santa inquietude profética e missionária”, *Passos*, n. 252, nov. 2022, pp. 30.

<sup>4</sup> K. Farrell apud D. Prospero, “Saudação introdutória”, in M.G. Lepori, “Cristo, vida da vida”, São Paulo: Cia. Imilitada, 2022, p. 8.

<sup>5</sup> Francisco, “O Papa a CL: «Proteger a unidade»”, carta de 30 de janeiro de 2024 a Davide Prospero, 1 de fevereiro de 2024, *clonline.org*.

<sup>6</sup> L. Giussani, “O cristianismo como acontecimento hoje”, *Passos*, n. 266, mar./abr. 2024, p. 23.

entusiasmo. Antes da partida, Giussani lhes disse: “O importante é vocês ficarem unidos entre si, da sua unidade vai nascer o que tiver de nascer”. E mais à frente, na mesma página: “Dom Giussani nos disse: ‘Não me importa quanta gente vocês vão conseguir agregar, mas me interessa a unidade e a unidade entre vocês, o âmbito de uma amizade que se importa com o destino uns dos outros, e todo o resto virá em acréscimo’”.<sup>7</sup>

Então, “a objetividade da Sua presença é salva e garantida justamente por esta unidade”,<sup>8</sup> cuja realidade total se chama “Igreja”. “E da mesma forma como, naquela época, quem O seguiu se tornou cristão e se transformou, agora é cristão e se transforma, se transforma como homem, quem segue esta unidade, à qual Cristo deu um sinal de objetividade absoluto, que é o bispo de Roma, a cabeça da comunidade de Roma”.<sup>9</sup> E o que é verdade para a realidade da Igreja também é verdade, analogamente, para a nossa companhia. Quer dizer: não há unidade sem autoridade, sem o sentido objetivo da autoridade. “Não é um tema entre os demais” – diz Giussani em *Una rivoluzione di sé* –, “mas é ‘o’ tema, o tema que garante a continuidade da nossa amizade e a possibilidade do seu rendimento”.<sup>10</sup>

Durante o encontro que ocorreu em fevereiro com os responsáveis de CL sobre a carta do Papa Francisco, debruçando-nos sobre o tema da “condução comunitária”, também enfatizamos que, se em última instância seguimos uma pessoa, essa pessoa é expressão não de si, não apenas do que sente ou pensa, de sua interpretação das coisas ou do carisma, mas de uma comunhão.<sup>11</sup>

### 3. A presença. Juízo e cultura nova

Levando a sério o que o Papa nos disse em 2022, ao falar de um “empobrecimento na presença”,<sup>12</sup> o terceiro passo esteve relacionado precisamente à presença, em suas dimensões fundamentais de cultura, caridade e missão, que inclui também as obras. Começamos pela cultura. Refiro-me especialmente ao texto do encontro de Davide com a Associação Italiana de Centros Culturais.

Desde o início da Juventude Estudantil (GS), a fé foi proposta por Giussani como fonte de um modo novo de olhar, de conceber, de enfrentar todos os problemas da existência, da sociedade, da história, da política; isto é, como fonte de um “juízo sobre o mundo”, que significa “início de uma cultura diferente”.<sup>13</sup> Embora inicialmente e de maneira certamente aperfeiçoável, foi isso o que tentamos fazer com alguns números recentes da *Passos*, dedicados à afevidade, ao fim da vida e à inteligência artificial. Assim, ao mesmo tempo, a cultura torna-se verificação da fé e comunicação da novidade e da beleza de Cristo ao mundo.

No encontro com os centros culturais, também se enfatizou que a beleza de Cristo é, sim, correspondente ao coração, mas isso não significa que esteja de acordo com tudo o que normalmente pensamos, com as nossas medidas, nossas presunções, nossa vantagem, nossa vontade de poder e a do mundo, porque a mentalidade do mundo nos permeia, não está só fora de nós. O que é que costuma tocar a quem olha, encontra e ouve o Movimento de fora? O que é que impressiona, por exemplo, a quem participa do Meeting? A capacidade de ser e de dizer algo original, uma diversidade em comparação com o clima em que estamos mergulhados.

Hoje, a partir da nossa fé e do encontro que marcou nossa vida, somos “chamados em causa” em relação a várias questões que Giussani ou a própria Igreja não chegaram a abordar nos mesmos termos. A aventura do juízo, da cultura, pertence de fato ao testemunho cristão, é uma dimensão irrenunciável da nossa experiência e da nossa presença no mundo. Sua colocação pode suscitar oposição, pode provocar incompreensão, mas também pode tornar-se ocasião de encontro para muitos, oferecer uma perspectiva e um caminho para o coração ferido e sedento – como o nosso – da “diversidade”, da beleza de Cristo, da esperança que é Cristo.

Chegamos a este ponto. Agora me pergunto, e te pergunto: o que nos é pedido hoje? Qual passo novo você acha necessário para o nosso percurso?

<sup>7</sup>G. Mereghetti, G.C. Peluso, *Andrea Aziani febbre di vita*, Castel Bolognese: Itaca, 2023, p. 40.

<sup>8</sup>L. Giussani, “O cristianismo como acontecimento hoje”, op. cit., p. 23.

<sup>9</sup>Ibidem.

<sup>10</sup>L. Giussani, *Una rivoluzione di sé* ..., op. cit., p. 201.

<sup>11</sup>Cf. “A carta do Papa: o caminho para seguir”, 13 de março de 2024, *clonline.org*, pp. 9-10.

<sup>12</sup>Francisco, “Arda no vosso coração...”, op. cit., p. 28.

<sup>13</sup>L. Giussani, *Una rivoluzione di sé*, op. cit., p. 135.

**Prosperi**

Vou responder logo dizendo que, se no ano passado dissemos que o primeiro propósito fundamental pelo qual o Movimento existe é a educação na fé cristã – então viver a vida como vocação: somos escolhidos, chamados por Outro –, o passo novo com que queremos começar este ano nos traz para a segunda dimensão da nossa tarefa história dentro da vida da Igreja e no mundo: comunicar a todos o conteúdo dessa fé. Ou seja, devemos tomar consciência de que somos chamados para uma tarefa.

Ser chamado coincide com ser enviado, não há solução de continuidade. Daqui o título do Dia de Início de Ano: “Chamados, isto é, enviados: o início da missão”. É o tema da *missão*, na esteira do que nos disse o Papa: “Arda no vosso coração esta santa inquietude profética e missionária”. E, antes de nos dirigir essas palavras, tinha enfatizado: “São tempos de renovação e retomada missionária à luz do momento eclesial atual, bem como das necessidades, dos sofrimentos e das esperanças da humanidade contemporânea”.<sup>14</sup>

## 1. CRISTO É “O” ENVIADO DO PAI E NOS ENVOLVE EM SUA MISSÃO

Diz Giussani: “O grande chamado [...] que Deus realizou por seu desígnio no mundo é o chamado de Cristo”, que a tudo reúne e explica: com efeito, a eleição de Cristo coincide com “a missão de tornar visível o desígnio misterioso que o Pai tem para todas as coisas. [...] Se um homem qualquer, da época de Cristo, lhe dirigisse esta pergunta ao encontrá-lo: ‘Quem és tu, afinal? Qual é teu nome?’, Jesus poderia ter respondido: ‘Eu sou o enviado do Pai’”.<sup>15</sup> Cada expressão, cada gesto, cada olhar de Jesus traduz essa Sua consciência de ser o enviado do Pai. Portanto, Cristo é o primeiro sujeito de missão; e Sua missão consiste em tornar visível o desígnio e o amor do Pai, ao testemunhar Sua relação com o Pai, ao comunicar aos homens e às mulheres de Seu tempo e de todo tempo, amando-os, esse amor do Pai que constantemente O gera.

Não só: Cristo envolve em Sua missão os “Seus” e todos os que crerem pela palavra deles, inclusive nós. “Assim como tu [Pai] me enviaste ao mundo, eu também os enviei ao mundo.”<sup>16</sup> Nós também, como os primeiros, somos chamados, isto é, enviados. “Mateus, segue-me!”<sup>17</sup> Cada um de nós pode incluir seu nome. Mas como é que fomos chamados?

Pensemos no episódio da Samaritana. O Evangelho de João<sup>18</sup> permite intuir que o encontro deles não foi casual: Jesus decidiu fazer o caminho mais árduo para ir de Jerusalém até a Galileia, o caminho que passava pelo deserto bem no meio do território da Samaria – percorrendo um caminho que era inconveniente para os judeus, pois consideravam os samaritanos impuros –, e chegar ao poço de Jacó na hora em que ninguém ia lá (era perto do meio-dia, fazia um calor de matar e as pessoas se abrigavam à sombra de suas habitações), a não ser essa mulher que sabia ser considerada “moralmente discutível” e por isso queria evitar encontros ocasionais constrangedores. Poderia vir a dúvida se o que aconteceu não foi só um acidente que poderia não acontecer, mas não foi assim. Aconteceu com ela porque assim quis Jesus: fez todo aquele caminho para chegar até lá naquela hora, pois queria encontrar ela mesma.

Este é o ponto! Esse encontro deu início a uma vida nova, de modo que todo o emaranhado de confusão e de mal do seu passado acabava sendo inscrito num desígnio de bem que passava a assumir a forma d’Ele, a ter um sentido que se identificava com o rosto e as palavras do homem que ela tinha na sua frente. Imaginemos o que não deve ter sentido essa mulher ao dar-se conta de quem é que estava na sua frente: descobrir-se repentinamente querida, desejada, amada – mas usemos a palavra que Dom Giussani apreciava: mendigada – pelo Messias, Cristo, o destino, Aquele para o qual nosso coração é feito e que nosso coração espera desde sempre, consciente ou inconscientemente.

Para nós hoje, através do encontro com o Movimento, dentro da realidade da Igreja, vale a mesma coisa: se você está aqui, é porque foi escolhido, chamado pelo nome. Penso em muitos testemunhos que ouvimos neste verão (alguns estão publicados

<sup>14</sup> Francisco, “Arda no vosso coração...”, op. cit., pp. 28, 33.

<sup>15</sup> L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019, pp. 61-62.

<sup>16</sup> Jo 17,18.

<sup>17</sup> Cf. Mt 9,9.

<sup>18</sup> Cf. Jo 4,5-42.

na *Tracce*).<sup>19</sup> De todo modo, a história deles é também a nossa história, de todos nós que estamos aqui, embora com formas e matizes diferentes.

Fomos chamados – penso também em quem está aqui hoje pela primeira vez – por meio de um encontro em que foi possível experimentar um olhar tão impossível quanto desejável sobre a nossa vida, um olhar finalmente humano, um amor gratuito e imerecido pelo nosso destino, pelo nosso rosto: nenhum de nós fez nada para merecê-lo. Se a pessoa ou as pessoas com que deparamos se tornaram “encontro” para nós, é porque as encontramos comprometidas de um jeito diferente com as coisas de todos: ao conversarem, trabalharem, comerem, beberem, fizeram-nos perceber uma diferença qualitativa, algo de correspondente à nossa sede de significado e de amor.

Essa diversidade é um dom oferecido ao mundo. Mas nós, fique claro, frágeis e limitados como somos, não temos nada para oferecer, a não ser o que recebemos por nossa vez (como escrevemos no fim do panfleto publicado alguns dias atrás a respeito do terrível episódio de Paderno Dugnano);<sup>20</sup> ou seja, não temos nada nosso, que venha de nós. A fonte da nossa diversidade, de uma presença nossa diferente e construtiva no ambiente, é – para usar a expressão do Papa Francisco – a “fidelidade criativa”<sup>21</sup> a um encontro, a uma fonte, a um dom do Espírito. E a fonte vive num lugar e numa história: nossa comunhão em Cristo. O nosso amigo Carras repetiu isso até o último suspiro: você pode ser o mais perspicaz e sensível de todos, o mais inteligente, o mais “carismático”, mas se se afasta da fonte, vira um disco riscado que se repete infinitamente. É uma tentação em que todos nós podemos cair, ninguém fica de fora.

## 2. UMA COMUNHÃO VIVIDA

Fomos chamados por meio de um encontro humano que nos inseriu na vida do Corpo de Cristo, numa comunhão feita daqueles que – diz Giussani – são “escolhidos para verem, que aceitaram olhar, que

ouvem como podem, que arrancam como conseguem, todos pecadores, amados pelo Mistério”.<sup>22</sup>

Nós também fomos escolhidos para ver, e tivemos de aceitar olhar: de fato, nada ocorre sem a nossa liberdade. Até no reconhecimento de um amor recebido está em jogo a nossa liberdade: claro, é uma liberdade movida pela força de uma superabundância, de uma atratividade; afinal, caso contrário, ela seria incapaz de dar passos, mas ainda assim deve sempre lançar-se. Mas cuidado, não basta dizer o nosso “sim” uma só vez. Como Pedro, quando perguntado por Cristo se O amava, teve de repetir seu “sim” três vezes, não só uma, assim nós temos de repetir cem vezes, mil vezes, todo dia, o nosso “sim” ao Seu amor. “Tu me amas?”

Quantas vezes não nos escandalizamos dizendo: “Eu fiz o encontro, mas me sinto paralisado”. Mas o nosso “sim” deve recontecer continuamente e deve tornar-se cada vez mais consciente. Nisto, cada um precisa viver uma responsabilidade, que normalmente queremos evitar, por comodidade ou por preguiça. O nosso “sim” é cheio de razões, mesmo quando estamos na neblina. Se de fato nós “não vemos” acontecer agora aquilo que nos aconteceu, não significa que não esteja acontecendo. Pode até suceder que, “depois de três anos de emoção”, você acabe vivendo “três meses de aridez, trinta anos de aridez”, como diz Giussani num trecho de *É possível (mesmo?!) viver assim?*, que em certos momentos foi de grande conforto para mim: “Nesses momentos, é a memória do passado, a memória da história que você teve – o que te aconteceu, o que você fez pelo que te aconteceu –, é a memória histórica que te salva; e você é salvo pelo resultado dessa memória histórica, que é a companhia em que você está. Você já não tem a emoção que tinha antigamente diante do conteúdo de uma memória e diante da companhia em que está, mas eles existem [...] Garanto-lhes que, depois de três anos de emoção, três meses de aridez, trinta anos de aridez, três meses de ‘re-emoção’ ou de remoção do obstáculo à comoção, a certa altura – *plaft* – a onda se escancara diante do buraco imenso do mar e o cobre totalmente”,<sup>23</sup> e você também volta a ver.

<sup>19</sup> “Chiamati, cioè mandati”, *Tracce*, n. 9, set. 2024, pp. 40-53.

<sup>20</sup> Trata-se do caso trágico de Riccardo, de 17 anos, que matou o irmão, a mãe e o pai sem motivo aparente. Leia o panfleto em “O mal e o amor que salva”, 19 de setembro de 2024, *clonline.org*.

<sup>21</sup> Francisco, *Discurso aos membros da Comissão Teológica Internacional*, 24 de novembro de 2022.

<sup>22</sup> L. Giussani, *Através da companhia dos crentes*, Lisboa: Paulus, 2022, p. 76.

<sup>23</sup> L. Giussani, *Sì può (veramente?!) vivere così?*, Milano: Bur, 2016, pp. 470-471.

Portanto, o encontro com Cristo hoje se dá deparando com a comunhão de gente ligada a Ele, parte d’Ele. A comunhão, a unidade dos fiéis, a Igreja é o Seu Corpo, é o método que Deus escolheu para permanecer presente na história. Se isto também pode parecer estranho a nós, se podemos senti-lo distante, sem consequências na nossa vida, é porque realizamos de antemão, mais conscientemente ou menos, uma redução do significado da própria comunhão: ela não é reconhecida como o mistério de Cristo, o fato de Cristo presente. Sem o teorizarmos e talvez até sem nos darmos conta, jogamos o fato de Cristo para fora da história, cedendo a alguma forma de espiritualismo ou de escatologismo, de modo que Cristo já não é uma presença e já não tem a ver com o aqui e agora. Assim o relacionamento com Cristo passa a ser entendido como algo individualista, e a companhia fica reduzida a uma muleta sociológica (pelo que meus amigos me podem dar quando tenho necessidade). Já para Giussani, o caminho da fé passa por um encontro humano e pela imanência à comunhão, que é o Seu Corpo na história. Cristo não é uma ideia abstrata, tampouco um ideal que nós concebemos, mas é uma presença que se faz visível e tangível na nossa unidade, que podemos seguir, à qual podemos pertencer, e que se torna lugar dos critérios e da sensibilidade com que julgamos tudo. Por isso falamos bastante de juízo comunitário.

É a experiência da comunhão entre nós e na Igreja o que nos torna maduros na fé. Se para a mentalidade corrente, que nós também costumamos carregar em nós, crescer é tornar-se autônomo e independente, no cristianismo é o oposto: quanto mais caminhamos, mais descobrimos que toda a nossa consistência está em pertencer à Sua presença, e que a verdade de nós, da nossa vida, do nosso instante está em reconhecer e viver a dependência de Cristo, do mistério de Cristo, do mistério da comunhão que é a Sua continuidade na história. “Eis o *paradoxo*: a liberdade é a dependência de Deus”,<sup>24</sup> diz a frase de *O senso religioso* que escolhemos este verão como título para as férias das nossas comunidades.

A este respeito, gostaria de citar um trecho da Bíblia, a luta de Jacó com o anjo. A história é conhecida, mas convido vocês a relerem. Jacó engana seu pai, Isaac, a fim de obter a primogenitura, e por isso,

no seu coração, embora saiba que o Senhor sempre mantém Sua promessa, não se sente em paz, e com isso vai para longe. Depois de muitos anos decide retornar à terra que lhe fora concedida. Ele se vê tendo de atravessar a torrente do Jaboc. Após fazer passar mulheres, escravas, crianças e bens, ele mesmo se prepara enquanto encara o rio. Mas se vê diante de um estranho personagem, que começa a travar uma luta com ele.

Aqui mora a grande questão, que a meu ver constitui o ponto dramático do tempo em que vivemos: o reconhecimento de pertencermos a Deus, a consciência de sermos Seus. Jacó luta com o anjo e Deus lhe diz: “Venceste!” E é paradoxal, porque aos nossos olhos Jacó foi derrotado: o anjo lhe desloca a coxa, e ele ficará manco pelo resto da vida. Então por que venceu? Por um motivo que se esclarece quando Jacó, antes de o deixar ir, lhe pede que o abençoe e o anjo lhe pergunta seu nome. Jacó, de fato, lhe diz seu nome, e o anjo lhe atribui um novo nome: “Doravante não te chamarás Jacó, mas Israel, pois lutaste com Deus e com os homens, e prevaleceste”. Israel significa “Aquele que lutou com Deus”. Prossegue a narrativa: “Então Jacó perguntou: ‘Dize-me, por favor, teu nome’. Mas ele respondeu: ‘Para que perguntas por meu nome?’ E ali mesmo o abençoou”.<sup>25</sup> Na tradição hebraica, dizer a alguém o próprio nome significa de algum modo dar-se a ele, estabelecer uma aliança, dar ao outro o direito e o poder de te invocar em seu auxílio. Revelar o próprio nome, enfim, é como dizer: “Sou teu, a partir de agora eu te pertenço, sou da tua parte”. Chegar a alterar o nome, como Deus fez com Jacó, é ainda mais. Se saber o teu nome é possuir-te, ser quem te dá o nome é possuir-te “ao cubo”. É como dizer: “Tu me pertences”. Assim se começa a entender. Deus não diz Seu nome a Jacó; pelo contrário, Ele é quem lhe dá um nome novo. E assim é como se lhe dissesse: “Sim, venceste, mas tua vitória não consiste em ‘possuir-me’, mas consiste em te tornares Meu, em ganhares consciência de que Me pertences. Melhor: consiste em finalmente aceitares abandonar-te a Mim, depender totalmente de Mim”. Ele, que vivia o drama interior de ter obtido a promessa de Deus graças a um engano, depois de uma longa luta passou finalmente da autonomia ao pertencimento, e agora é totalmente de Deus,

<sup>24</sup> L. Giussani, *O senso religioso*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2023, p. 142.

<sup>25</sup> Gn 32,29-30.

marcado e ferido em seu orgulho e em sua inteligência por aquele Deus que, precisamente assim, o fez definitivamente Seu.

Penso em quantas vezes, para nós, um fato dramático ou doloroso (a ponto de podermos dizer: “Senhor, por que não me tiras este peso?”) seria incompreensível, humanamente falando, em relação a um Deus que nos ama, se não fosse a forma misteriosa pela qual podemos ser levados a uma familiaridade com Ele mais profunda e amorosa, sentindo ainda mais a necessidade d’Ele. Como Jacó, então, em qualquer situação da vida, você vence se se deixar vencer pela grande Presença que veio ao seu encontro, pelo Deus feito homem. E o que é que você ganha? Ganha o seu amor. Melhor: ganha, obtém uma liberdade nova e verdadeira, que consiste precisamente em viver rendendo-se ao amor gratuito de Outro, e consiste não no que você faz, mas no amor gratuito de Outro, gratuito até o perdão. Cristo te ama, claro, mas se você não aprender a se abandonar a esse amor, a se render a esse amor, é como se não conseguisse percebê-lo, reconhecê-lo, experimentá-lo de verdade.

É o amor de Outro o que nos liberta: liberta-nos da chantagem do reconhecimento do mundo, porque já somos reconhecidos pelo único amor da vida. É esse amor, reconhecido e aceito, que nos torna protagonistas da história, como aconteceu com Bernardette (espero que muitos tenham lido *A canção de Bernardette* de Franz Werfel, proposto como “livro do bimestre” de maio-junho). É uma figura que sempre me fascinou e foi uma santa importante para o nosso tempo, que tem muito a dizer também para nós. No dia 11 de fevereiro de 1858 (entre parênteses, lembro que 11 de fevereiro é também o dia do reconhecimento da Fraternidade de CL), quando lhe apareceu a Santa Virgem na gruta de Lourdes, Bernardette era uma menina de catorze anos com sérias dificuldades de aprendizagem escolar (a ponto de ela mesma considerar-se burra). Estamos na França do pós-revolução francês, num clima racionalista: as “fábulas” da religião são consideradas já superadas. Diferentemente de como se poderia esperar, naquele contexto cultural Nossa Senhora escolheu como “embaixatriz” uma menina totalmente alheia a um

modelo de capacidade persuasiva ou dialética. E essa menina ignorante virou do avesso a França toda.

A partir do momento em que começaram as aparições, Bernardette começou a dizer coisas maiores que ela. Muita gente, no início, não acreditou, mas ela continuou repetindo, e as repetiu por um motivo: por amor, porque tinha encontrado o grande amor de sua vida. Quando uma pessoa encontra o grande amor de sua vida, fica imediatamente livre: livre do julgamento dos outros, do julgamento de si mesma, livre da necessidade – que normalmente nos enreda – de ser reconhecida, livre da pressão de se sentir estimada pelos demais. Quando aqueles que não acreditaram nas aparições lhe pediram que os persuadisse (como por exemplo a mestra das noviças, que quase implorou: “Se pudesse convencer-me, livrar-me-ia dum sofrimento cruel”<sup>26</sup>), Bernardette respondeu candidamente: “Não fui encarregada de vo-lo fazer crer, fui encarregada de vo-lo dizer”!<sup>27</sup>

Isso diz respeito a nós hoje. O juízo livre sobre o mundo, sobre a realidade, só pode nascer do reconhecimento de um juízo de valor, de bem, de estima por nós por parte d’Aquele por quem somos amados infinitamente e que amamos mais que qualquer coisa. Esta liberdade é uma forma do cêntuplo: “Ninguém que deixe casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos e campos, por causa de mim e do Evangelho, ficará sem receber cem vezes mais: neste tempo agora, casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos – com perseguições –; e no mundo futuro, a vida eterna”.<sup>28</sup> Nós fazemos nossos gestos, montamos centros culturais, construímos o Meeting e muitas outras obras, pelo reconhecimento desse amor por nós. Senão seria um esforço desumano e, mais cedo ou mais tarde, nos cansaríamos.

### 3. A MISSÃO COMO DIMENSÃO DA VIDA

Qual é o passo seguinte que precisamos dar? Giusani o indica no livro recém-publicado *Una rivoluzione di sé. La vita come comunione (1968-1970)*: o próximo passo é ganhar consciência do que me aconteceu, do Fato que me investiu, que entrou

<sup>26</sup> F. Werfel, *A canção de Bernadette*, Tradução de Marina Gnaspari. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1953, p. 325.

<sup>27</sup> Esta é a frase pronunciada por Santa Bernardette, citada em François Trochu, *Bernadette Soubirous*, Gênova-Milão: Marietti 1820, 2013, p. 255; no romance de Werfel ela é relatada diferente e parcialmente: “Eu nunca pretendi que a senhora me acreditasse” (F. Werfel, *A canção de Bernadette*, op. cit., p. 239).

<sup>28</sup> Mc 10,29-30.



em mim e é a verdade mais profunda de mim: “Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim”,<sup>29</sup> diz São Paulo. É uma mudança na concepção de si, uma autoconsciência nova. Diz Giussani: “Significa que a autoconsciência que tenho envolve dentro de si a Cristo e a todas as pessoas que Ele escolheu para si, o mistério da Igreja, essa *unidade real na história*”.<sup>30</sup>

E em outro texto, Dom Giussani afirma: “A força de um sujeito está na intensidade da sua autoconsciência, isto é, na percepção que ele tem dos valores que definem sua personalidade. Ora, estes valores fluem no eu a partir da história vivida à qual esse mesmo eu pertence. A genialidade radical de um sujeito está na força da consciência de pertencer”.<sup>31</sup>

Quem vive com esta autoconsciência transforma, tende a transformar tudo o que faz, não pode deixar de mudar a forma como vive, as relações que tem: muito ou pouco, mas inevitavelmente, transforma a ação que realiza e tende a criar, ainda que infinitesimalmente, um milímetro por mês, algo de novo no mundo. Mudam os critérios de juízo e de ação. A respeito disso, o cardeal Pizzaballa fez uma passagem belíssima no Meeting: “Agora preciso levar essa experiência da encarnação, da humanidade de Cristo, do encontro com Cristo, para dentro da realidade que vivo hoje [...]. Significa, primeiro, para mim pessoalmente, perguntar-me o tempo todo o que Jesus me diz neste momento. Deve tornar-se o critério de leitura das situações de dor, de divisão, de dificuldade em todos os sentidos; deve fazer com que o que eu vivo passe através dessa experiência que deve continuar sendo o fundamento da minha vida [...]. E cada avaliação, cada decisão, cada escolha, cada palavra dita deve ser compatível com essa experiência, com essa relação, com essa amizade”.<sup>32</sup>

Pois bem, essa diversidade, essa mudança, essa transformação é o que chamamos de *missão*. Caso contrário, o que fazemos pode até ser inspirado por Cristo, pelo encontro, pela comunhão vivida, mas continua sendo uma afirmação de nós mesmos, da nossa obra e, no fim, vivemos exatamente como todos os outros, sentindo-nos bem por estarmos fazendo mais um discurso religioso. Enfim, sem essa auto-

consciência nova, nosso fazer não seria missão, não tornaria presente um Outro, não seria Sua continuidade na história. E esse Outro, Cristo, ligou Sua continuidade na história à Sua obra no mundo, a Igreja, naquele dia misterioso em que dialogou com Simão Pedro: “Eu te digo: tu és Pedro, e sobre esta pedra construirei a minha Igreja, e as portas do Hades não prevalecerão contra ela”.<sup>33</sup>

Quando, então, falamos de missão, o problema não é – diz Giussani em *Una rivoluzione di sé* – realizar esta ou aquela atividade, mas “é o compromisso missionário da sua vida. É o compromisso missionário da sua pessoa. É que *a sua vida é missão*. [...] Na medida em que você não tiver esse sentido da missão – produto inevitável, clima da autoconsciência nova – com sua mulher ou com seus filhos, na medida em que não o tiver com os amigos e não o tiver no seu grupo de amigos ou de colaboradores, você não consegue tê-lo para a sociedade ou para a política, para a cultura ou para o trabalho. Não consegue tê-lo! Inversamente, você pode tê-lo se o tiver nos relacionamentos elementares da sua vida, onde for mais difícil concretizá-lo, ao menos aparentemente”.<sup>34</sup>

A nossa amiga Sandrine, que mora no Burundi, comentando a experiência que viveu, disse: “A missão se tornou uma dimensão da minha vida normal, do meu eu. Passei a vivê-la na minha casa”. É maravilhosa essa expressão! O homem novo, a “criatura nova”, coincide com sua missão, o conteúdo da vida dele é missão.

Mas que significa essa “autoconsciência missionária”? Significa desejar viver como Cristo – começamos por aqui –, identificados com Cristo: isto é, viver tudo, onde quer que estejamos, com a “consciência de estarmos aí *enviados pelo Pai*. Para fazer o quê?” Giussani responde: “Para levar o fato de Cristo e, portanto, o fato da comunhão cristã”.<sup>35</sup> Cristo veio ao nosso encontro, revestiu-nos, envolveu-nos, para que nossa vida tenha essa função, seja definida por esse escopo, por essa tarefa.

Então, se tudo o que estamos dizendo for verdade, entendemos bem que a missão não é um dever, um acréscimo, mas é a fecundidade de um pertencer,

<sup>29</sup> Gal 2,20.

<sup>30</sup> L. Giussani, *Una rivoluzione di sé*, op. cit., p. 179.

<sup>31</sup> L. Giussani, *O senso de Deus e o homem moderno*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 155.

<sup>32</sup> P. Pizzaballa, “Niente è più reale dell’incontro con Cristo”, 27 de agosto de 2024, *it.clonline.org*.

<sup>33</sup> Mt 16,18.

<sup>34</sup> L. Giussani, *Una rivoluzione di sé*, op. cit., pp. 184-185.

<sup>35</sup> *Ibidem*, pp. 186, 207.

que se expressa no lugar onde estamos, e é a realização de nós mesmos: fomos feitos para isso.

A sua vida como missão, porém, sempre precisa de um risco, de uma iniciativa. Não é necessário estar com “a corda toda” ou ter um determinado temperamento para se lançar. A condição necessária é simplesmente a memória ou a consciência de que o que somos, o que nos gera e nos torna ousados, mesmo com todos os nossos limites, é essa comunhão vivida. Isso nos livra do peso de algumas dificuldades nossas ou de sermos oprimidos por uma mentalidade que nos quer convencer a todo custo de que viver para Cristo é inútil. Comunhão é libertação.

Mas, atenção – este é um ponto importante –, é preciso evitar o risco de uma *espiritualização* da comunhão, segundo uma concepção de fundo gnóstico, que algo em que nós também podemos cair: a comunhão não é uma ideia inspiradora. A relação com Cristo é a relação com a Sua presença, e ser cristão equivale a seguir essa presença.

A pergunta então é: a quem você segue, a quem responde pelo que vive, com quem está em diálogo, como é que a vida de comunhão entra concretamente no que é mais seu, no seu trabalho, nos seus relacionamentos, nos seus interesses, e não só nos gestos do Movimento de que você participa? Ou responde a um tu concreto, a um lugar, a uma realidade viva em que se faz presente o Tu de Cristo, ou então, embora com todas as melhores intenções, você responde a si mesmo e só. Desta forma, ainda que você vá apenas morar ou trabalhar em determinado lugar, ainda que seja o único ali que vive a experiência cristã tal como lhe foi comunicada, você vai procurar uma referência para si, ainda que seja só um telefonema do outro lado do mundo uma vez por mês (como nos contaram alguns amigos na Assembleia Internacional de Responsáveis),<sup>36</sup> que te mantenha ligado nesta comunhão. Não há “Cristo sem Igreja”,<sup>37</sup> ou seja, sem seu Corpo, sua Carne, dizia Giussani ao denunciar a redução do racionalismo moderno, que deseja tirar de Cristo sua humanidade, historicidade, concretude. Trata-se de viver a comunhão.

Para entendermos melhor tudo isso, pedi a um querido amigo nosso, Hussam, conectado conosco em Haifa, que nos contasse a sua experiência.

## ***Leia o texto e assista ao vídeo***

### **4. CONSTRUIR A IGREJA**

Há um último ponto que quero propor-lhes. Para quem, como nós, foi tocado pelo anúncio de Cristo, alcançado pelo Seu acontecimento, não há outra tarefa fora desta: colaborar para construir a Igreja. Este é o único modo como podemos tornar nossa vida útil para o mundo, colaborar para o bem da humanidade, para a felicidade dos homens, para a justiça na sociedade. Senão o que fizermos será a enésima mentira, que se somará a todas as outras.

Quando, na Assembleia de Responsáveis, nossa amiga ucraniana e nossa amiga russa falaram uma após a outra, sem que isso tivesse sido programado, pudemos tocar com as mãos, num pequeno grande sinal, como a tarefa de construir a Igreja, abraçada, pode colaborar para a justiça e a paz no mundo. É um fato imprevisto que o Senhor pôs diante dos nossos olhos para nos dar uma prova de que Ele pode fazer aquilo que nós, com nossos projetos, não conseguimos nem sequer imaginar. É uma prova de que as palavras que o Anjo pronunciou àquela menina de Nazaré, no dia mais extraordinário da história, anunciam uma promessa verdadeira – verdadeira! –: “Para Deus nada é impossível”.<sup>38</sup> No coração simples e livre, sem preconceitos, daquela menina de 15 anos chamada Maria, essa afirmação (“Para Deus nada é impossível”) desencadeou uma confiança sem medida e sem cálculo que a fez dizer: “*Fiat*”, “*Sim*”.

Construir a Igreja, construir a comunidade ou, usando outra expressão de Giussani: “fazer a comunhão”,<sup>39</sup> não é uma tarefa ao lado das outras, mas é “a” tarefa, que se realiza em todas as ações e em todas relações, é o horizonte em que tudo o que vivemos pode ganhar seu valor autêntico. Tudo de nós, diz Giussani, é resumido e exaltado nesta fórmula: “construir a Igreja”, que corresponde a outra fórmula: a vida como missão. É a mesma coisa.

Nós sabemos: o testemunho de Cristo no mundo suscita maravilhamento, admiração, gratidão em muita gente, mas também oposição, chegando até a perseguição, como foi em primeiro lugar para Cristo.

<sup>36</sup> Cf. “Chiamati, cioè mandati”, op. cit., pp. 40-44.

<sup>37</sup> L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2022, p. 117.

<sup>38</sup> Lc 1,37.

<sup>39</sup> L. Giussani, *Una rivoluzione di sé*, op. cit., p. 68.

“Se me perseguiram, perseguirão também a vós. E se guardaram a minha palavra, guardarão também a vossa”,<sup>40</sup> disse Jesus. O fato de Cristo julga a história e contesta o poder – se não que motivo terá a perseguição? –, de qualquer poder que se trate, até o poder que está em nós; aliás, este é o primeiro poder que Cristo contesta. Somos chamados a testemunhar Cristo num mundo que se ergue contra Ele.

Há algo de heroico nesse testemunho, temos de ter consciência nisso. Em que sentido “heroico”? Quería retomar uma passagem impressionante do novo *podcast* de Dom Giussani: “Se eu te sigo, preciso me abandonar! Se eu devo seguir a Ti, preciso abandonar minha posição. Por isso exige que eu o siga até [...] renegar a mim mesmo. Mas a questão ainda não está completa, há algo mais: exige que eu o siga a ponto de me abandonar a mim mesmo *diante de todos*, porque um sentimento ou uma decisão nunca é completamente verdadeira se não estiver pronta a sustentar-se diante de todos”.<sup>41</sup>

Claramente, Giussani não se refere a cada gesto ou a cada palavra individualmente, mas ao *sentimento de si* ou à *decisão pessoal* em relação ao que se reconhece e se afirma como verdadeiro. Tivemos uma demonstração comovente disso na exposição dedicada a Franz e Franziska Jägerstätter (*Franz e Franziska, não existe amor maior*), apresentada no Meeting. Franz foi beatificado em 2007. A exposição serviu-se do filme *Uma vida oculta*, de Terrence Malick, que conta a história de Franz e de sua mulher de maneira cinematograficamente genial e pungente.<sup>42</sup> Ora, uma das coisas que Malick mais enfatiza na história de Franz é a aparente inutilidade do seu martírio, uma inutilidade que parece tornar seu gesto mais idiota do que heroico aos olhos da maioria: Franz se recusa a aderir ao nazismo e a combater por Hitler em nome de sua fé, que é uma só coisa com o amor pela verdade e pela justiça (não dá para separar Cristo da verdade, do bem, da justiça!), mesmo sabendo que desta forma irá ao encontro da morte. A certa altura do filme, há um diálogo extraordinário que Franz tem com um funcionário do exército, o qual, não compreendendo a sua decisão, lhe pergunta: “De que adianta essa teimosia? Não está achando que o seu gesto pode mudar o destino desta guerra?”

O testemunho de fé de Franz é claro, consciente e profético, mas atenção: um testemunho não solitário. Pessoal, mas não solitário. Franz não está sozinho, é sustentado pelo amor confiante – eis a comunhão! – da mulher Franziska. Testemunho de quê? Da certeza de que a relação com Cristo é que realiza a sua vida e a torna verdadeiramente útil, contribuindo com o trabalho de Deus, que modela a história conforme tempos e modos que não são os nossos. Mas este é também o sentido das nossas tentativas, de tudo o que fazemos: que venha à tona, se conheça, se torne visível Cristo no mundo, como sentido e esperança da vida.

O martírio, isto é, o testemunho, não é só chegar a derramar sangue, como no caso de Franz e de tantos outros. O martírio é afirmar esse Tu como consistência de si em tudo o que se faz. É a vida como missão, onde quer que estejamos. Mas como isso é possível? E aqui voltamos ao ponto de partida, voltamos à raiz, que é a comunhão, a vida cristã como comunhão. Com efeito, podemos ser tomados pelo medo ou pela vergonha, mas – repito – não estamos sós. O testemunho não é um heroísmo muscular. O testemunho é a efusão, sem nenhum cálculo ou pretensão, do meu amor a Cristo, sustentado pelo pertencer vivido ao Seu Corpo.

Então quero concluir repetindo a expressão maravilhosa de Dom Paolo Martinelli, que Hussam recordou: “Estar em missão significa ser enviado por alguém, a alguém, com alguém”.

<sup>40</sup> Jo 15,20.

<sup>41</sup> *La dichiarazione esplicita*, episódio 5 do podcast de Luigi Giussani “E voi chi dite che io sia?”, Choramedia, min. 14:45ss., *clonline.org*.

<sup>42</sup> *Uma vida oculta (Hidden Life, EUA-Alemanha 2019)*, direção de T. Malick.

